



O método histórico-crítico e a pesquisa epistemológica em psicologia: uma perspectiva de Jean Piaget

The historical-critical method and epistemological research in psychology: a perspective
of Jean Piaget

Paulo Coelho Castelo Branco
Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

Ricardo Lincoln Laranjeira Barrocas
Universidade Federal do Ceará
Brasil

Resumo

Jean Piaget foi um pesquisador que contribuiu para o desenvolvimento da ciência psicológica. Este artigo propõe a análise de uma contribuição deste pensador para o desenvolvimento metodológico na pesquisa epistemológica em Psicologia, através do método histórico-crítico. Este se circunscreve em uma discussão que centra atenção nos elementos que constituem a referência objetiva de um conhecimento científico para compreender e retrazar sua evolução em um caráter interno, ao interior da própria ciência em questão, e externo, que vincula a ciência enfocada a um contexto sócio-histórico. Descreve o método em suas: condições de uso, gênese e lógica de aplicação. Apresenta um exemplo e, finalmente, aponta as possibilidades e limites do método histórico-crítico.

Palavras-chave: epistemologia; métodos de pesquisa-psicologia; teoria piagetiana

Abstract

Jean Piaget was a researcher who contributed to the development of psychological science. This article proposes an analysis of the contribution of this thinker to methodological development in epistemological research in psychology through the historical-critical method. This is limited to a discussion that focuses attention on elements that constitute the objective reference of a scientific knowledge to understand and retrace its evolution in an internal character of the science in question, and external, which links science focused on a socio-historical context. It describes the method in its: conditions of use, genesis, and application logic. It presents an example and, finally, highlights the possibilities and limits of historical-critical method.

Keywords: epistemology; research-psychology methods; piagetian theory

Introdução

Jean Piaget (1896-1980) foi um cientista suíço de reconhecimento internacional considerado um dos maiores expoentes em estudos do desenvolvimento cognitivo. ¹ O

¹ Artigo elaborado com base na dissertação de Paulo Coelho Castelo Branco, intitulada "A noção de organismo no *feri* teórico de Carl Rogers: uma investigação epistemológica", defendida em 2010 na Universidade Federal do



domínio de seu conhecimento abrange as áreas da Biologia, Psicologia, Filosofia, Lógica, Linguística, Educação, Psicanálise e Psiquiatria.

Tal domínio se deve especialmente ao interesse de Piaget pelo campo da epistemologia, definida enquanto “*o estudo da constituição dos conhecimentos válidos, recobrando o termo ‘constituição’ ao mesmo tempo as condições de acesso e as condições propriamente constitutivas*” (Piaget, 1980, p.19, grifos do autor).

As condições constitutivas de um conhecimento se referem aos aspectos influentes que contribuíram para a sua formação. Averigua-se, então, como um conhecimento (re)organiza os dados que já estão disponibilizados em registros científicos estabelecidos. Por condições de acesso, entende-se que um conhecimento somente se tornará válido com base no seu posicionamento em relação a um paradigma, que dita os problemas científicos a serem tratados (Piaget, 1980).

Para um conhecimento ser investigado epistemologicamente, ele deve ser circunscrito em uma lógica que o analisa em suas múltiplas condições de acontecimento. Ressalta-se, todavia, que as condições constitutivas para a emergência de um conhecimento científico válido variam de acordo com a área, e que isso é um processo inacabado (Piaget, 1980).

Deste modo, no aludido aporte sobre o campo da epistemologia, percebemos uma dupla vertente, no qual Piaget: (1) estabelece uma Psicologia Genética que aborda as questões de como surge e ocorre o desenvolvimento do conhecimento humano, sustentado pela hipótese de que as estruturas cognitivas não ocorrem somente como formações biogeneticamente determinadas, mas dependem, também, de uma interação do organismo com o ambiente (Piaget, 1967/2003); e, (2) situa uma posição analítica que aprofunda uma teoria do conhecimento científico que investiga as condições constitutivas da Psicologia e o aumento, ou não, do seu conhecimento (Piaget, 1978; Penna, 2001).

Consideramos que na primeira vertente situam-se os estudos dos processos básicos de percepção, inteligência, aprendizagem e pensamento, enquanto que na segunda perspectiva há uma concentração de estudos sobre a constituição de uma ciência e definição de seu quadro epistêmico em relação a outros saberes.

Este artigo trata, especificamente, deste último aporte piagetiano, que é pouco discutido numa condição epistemológica e metodológica, sobretudo no Brasil, onde a concentração de publicações e discussões acerca do legado de Piaget enfoca mais a primeira vertente mencionada.

Destarte, propomo-nos a retomar uma reflexão da contribuição metodológica de Piaget para investigar o desenvolvimento de uma ciência, através do método histórico-crítico e a aplicação que esse autor sugeriu. Inspirados por esta contribuição piagetiana sistematizamos

Ceará. Os autores agradecem ao apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.



um plano metodológico que pode auxiliar pesquisas psicológicas que intencionam aprofundar e compreender epistemologicamente e historicamente teorias e conceitos.

Para tanto, utilizamos como principal base teórica as obras *Psicogênese e História das Ciências*, de autoria de Piaget e Rolando Garcia (1987), um físico e epistemólogo argentino, e *Lógica e Conhecimento Científico* de Piaget (1980). Ambas são de difícil acesso, estando disponível predominantemente em edições portuguesas, o que restringe o acesso da comunidade científica brasileira à discussão proposta. Todavia, ressaltamos que a primeira obra referida foi lançada em sua primeira edição no Brasil recentemente (Piaget & Garcia, 2011), enquanto a segunda, na qual encontramos a melhor organização da proposta do método histórico-crítico, permanece ainda restrita.

Os mencionados textos foram analisados segundo um critério de leitura seletiva (Lima & Mioto, 2007), que elegeu os dados pertinentes à elucidação do método histórico-crítico e, em seguida, os ordenou de modo a conferir uma coerência à apresentação do método quanto as suas condições de uso, gênese e aplicação.

As condições para o uso do método histórico-crítico

Piaget (1978) postula uma concepção de *fieri*, que significa o *devoir*, o fato que faz uma ciência avançar e não ficar estagnada em seu desenvolvimento. Com efeito, no entendimento do autor:

Qual é pois, este fato, uma vez que se sabe que a ciência evolui sem cessar? A progressão do método é tudo... Por conseguinte, o fato da ciência não pode ser compreendido senão como um *fieri*. Apenas este *fieri* é o fato. Todo ser (ou objeto) que a ciência tenta fixar deve-se dissolver de novo na corrente do vir a ser [devoir]. É deste vir a ser, e só dele, que se tem o direito de dizer em último lugar: “é (um fato). O que se pode e deve então procurar é a lei deste processo” (p. 09, grifos do autor).

A concepção de *fieri* nos dá um indício para estabelecer como um conceito, uma noção ou um postulado teórico se constituíram no interior de uma ciência (entendida aqui como uma sistematização de conhecimentos) e a fizeram desenvolver-se.

Considerando a epistemologia enquanto uma teoria que investiga as condições de fundações do conhecimento, Piaget (1980) alude que uma pesquisa epistemológica deve iniciar da pergunta “Como é que as ciências são possíveis?”, para, em seguida, analisar a validade e importância de um conhecimento no interior de uma ciência, sua singularidade em relação a outros conhecimentos e a sua dimensão histórica.

No pensamento de Piaget (1980): “para a compreensão dos problemas epistemológicos tais como se põem hoje, convém fornecer um quadro prévio e até partir de uma evocação histórica” (p. 25). Para isso, uma pesquisa epistemológica que se propõe a utilizar o método histórico-crítico deve iniciar de alguma crise ou lacuna teórica e/ou metodológica em uma



ciência, de modo a estabelecer uma lógica que investiga os seguintes critérios: se o conhecimento (por exemplo, um conceito) advém de fontes externas a ciência em questão; e quais foram as condições gerais de surgimento desse conhecimento e a sua função no interior dessa ciência.

Logo, o caráter condicional que Piaget e Garcia (1987) dão ao uso do método histórico-crítico centra atenção nos elementos que constituem a referência objetiva de um conhecimento científico para compreender e retrazar sua evolução num caráter interno (ao interior da própria ciência em questão) e externo (que vincula a ciência enfocada a um contexto sócio-histórico). Ambos estão vinculados a setores sociais que reclamam soluções e produção de conhecimento.

Tal inferência ocorre por Piaget (1980, 1967/2003) considerar que nenhum conhecimento se desenvolve internamente por si próprio, dado que este está relacionado e engendrado por acontecimentos contextuais que o possibilitam em um espírito científico da época (*Zeitgeist*). No entanto, a evolução de um conhecimento no interior de uma ciência conduz a uma reformulação deste (Piaget, 1980). Em outras palavras, não se trata de descobrir novas respostas para questões clássicas, mas sim, descobrir novas questões que permitam formular os problemas de um modo diferente, o que muda o quadro epistêmico de um conhecimento.

Podemos apontar um exemplo disso na noção freudiana de *inconsciente* que, por acontecimentos contextuais que a possibilitam em um espírito científico de época e diante da singular observação clínica de Freud, é recolada em um novo lugar de saber (Psicanálise) que se estabelece fora dos campos da Psicologia, Medicina e Filosofia, e desenvolve-se dentro de um sistema de coerência próprio, dotado de rigor metodológico e teórico para analisar os fenômenos humanos e coletivos (Freud, 1914/1996).

Nesse exemplo, estabelecemos hipoteticamente o inconsciente como um *fieri* que permite e desenvolve a construção do conhecimento psicanalítico. Outras noções poderiam, também, ser estabelecidas hipoteticamente como o *fieri* da Psicanálise como, por exemplo, a noção de pulsão. O recorte que o pesquisador adota permite um horizonte de empreitadas epistemológicas de investigação sobre um determinado conhecimento.

Assim, Piaget (1980) aponta para a emergência de um método epistemológico que possa ser utilizado pela Psicologia. Tal apontamento ocorre por ele perceber a necessidade de uma reformulação epistemológica desta ciência, haja vista que ela se ramificou por diversas correntes de pensamento e práticas científicas – todas se distanciando de uma matriz original – que se distinguem quanto: ao objeto de estudo, ao método para abordar tal objeto, e às teorias e conceitos que definem concepções de mundo (*Weltanschauung*) conflitantes (Penna, 2000).

Não se intenciona utilizar um método que vise unificar a Psicologia em uma matriz comum, mas pretende-se reconhecer e reconstruir um conhecimento científico, com apoio em



seus propósitos de desenvolvimento próprio e suas respostas às questões da época. Tal método verifica se o conhecimento investigado não é uma mera assimilação e repetição de modelos já existentes e se nele há uma elaboração própria.

A gênese e a lógica do uso do método histórico-crítico

Segundo Piaget (1980), existem três grandes formas de epistemologia que interessam à Psicologia: as metacientíficas, as paracientíficas e as científicas. Com base nelas, podemos situar a emergência do método histórico-crítico.

As epistemologias metacientíficas “partem de uma reflexão sobre as ciências e tendem a prolongá-las numa teoria geral do conhecimento” (Piaget, 1980, p. 26). Identifica-se nelas um problema teórico e/ou metodológico e busca-se resolver isso com esteio em aportes derivados de outros conhecimentos externos à ciência em questão. Encontramos um exemplo dessa epistemologia na Psicologia Histórico-Cultural de Lev Vigotski (2004), que busca no materialismo dialético de Karl Marx uma perspectiva para criticar o modelo fisiológico de homem presente na Reflexologia e Reactologia soviética, de modo a elaborar uma nova proposta de compreensão dos fenômenos psíquicos pelas condutas semióticas.

Por outro lado, as epistemologias paracientíficas são aquelas que “apoiando-se numa crítica das ciências, procuram alcançar um modo de conhecimento distinto do conhecimento científico (em oposição a este e já não como o seu prolongamento)” (Piaget, 1980, p. 26). Nessa perspectiva não se busca sair da ciência para suprir algum problema dela, mas volta-se a ela própria com a finalidade de levantar os seus fundamentos próprios e criar algo novo.

Um exemplo dessa perspectiva está na crítica de Edmund Husserl (1936/2008) à Psicologia do início do século passado, a qual se utilizava de métodos empíricos importados das ciências naturais para tratar do psiquismo (entendido como experiência consciente), tratando com insuficiência a dimensão subjetiva do humano. Como proposta paracientífica ele sugere o uso do método fenomenológico para superar esse embate metodológico e possibilitar que a Psicologia alcance fundamentos próprios de compreensão do humano (Ales Bello, 2006). Como desdobramento dessa proposta, citamos a Psicologia da *Gestalt* (Guillaume, 1937/2009), a Psicopatologia de Karl Jaspers (1912/2005) e a Daseinanalyse (Heidegger, 2009).

As epistemologias científicas são aquelas “que permanecem no interior de uma reflexão sobre as ciências” (Piaget, 1980, p. 26). Ou seja, não buscam uma resolução fora dos limites da ciência, mas dentro do que ela estabelece como critérios próprios para determinar o valor do seu conhecimento e no empenho para comprová-lo, com fundamento em delimitações do seu problema e do estabelecimento de condições para tratá-lo e replicar os resultados alcançados. Podemos situar aqui as Psicologias Comportamentais que



reivindicam métodos e atitudes positivistas para lidar com os seus problemas e acumular conhecimentos que lhes sejam válidos (Figueiredo, 2002).

Nessa incursão epistemológica, Piaget (1980) reconhece que houve ilustres pensadores franceses que refletiram essas epistemologias, como Gaston Bachelard, Alexandre Koyré e Georges Canguilhem. Contudo, ele ressalta a importância de elaborar um método epistemológico para analisar o desenvolvimento da Psicologia no interior de sua própria ciência, dado que as correntes contemporâneas de ciência se aproximam mais desta epistemologia e se distanciam das epistemologias metacientíficas e paracientíficas.

Piaget (1978) foi filiado à preocupação de elaboração de uma Psicologia científica e isso transpareceu em sua proposta de construção de um método epistemológico que fosse interior à ciência psicológica em suas crises conceituais e metodológicas. Para tanto, Piaget (1980) se inspirou na lógica exercida pelos epistemólogos franceses aludidos para tratar a ciência psicológica, de modo à “precisar os seus próprios métodos e delimitar os seus problemas de maneira a poder tratá-los” (p. 62).

Encontramos, portanto, no trabalho de Piaget (1980) a concepção de um método, intitulado “histórico-crítico”, que pode ser trabalhado em pesquisas epistemológicas. Em seu pensamento:

A história das ciências por si só, enquanto simples narrativa da sucessão das descobertas não interessa diretamente à epistemologia. O problema histórico-crítico é abordado em contrapartida, quando se é levado a utilizar a reconstituição histórica em vista de uma análise crítica (...), o método histórico-crítico consistirá em determinar como é que procederam, de fato, o inventor do princípio ou os autores que preparam a sua descoberta: tratar-se-á, por exemplo, de reconstituir com precisão, a que tipo de experiências recorreram (...), que deduções daí tiraram, mas também e sobretudo segundo que sistema dedutivo ou interpretativo foram levados a imaginar essas experiências (p. 95).

O método histórico-crítico conduz “a uma epistemologia específica do que poderia chamar-se o devir [*fieri*] radical do conhecimento científico” (Piaget, 1980, p. 96). Ele requer que observemos não somente um conhecimento em si, mas o que o vincula ao seu sujeito e a sua história. Atinar para isso implica investigar o conhecimento, suas heranças científicas, tradições culturais e as circunstâncias que o atravessaram.

Assim, o método se ocupa também de investigar a ciência, com base no olhar interno dos seus próprios autores. Isto abrange conceitos, noções e postulados (Piaget, 1980), entendidos como o *fieri* condutor dessa ciência (Piaget, 1978). Na discussão sobre o problema do internalismo e do externalismo nas ciências, Antônio Gomes Penna (1991, 2000) ressalta uma influência de Canguilhem em Piaget. Nas palavras do epistemólogo brasileiro:

Como observa Canguilhem, por internalismo se entende a posição que consiste em pensar que não há história das ciências senão na medida em que



nos colocamos no interior mesmo da obra científica para analisar as operações pelas quais ela procura satisfazer as normas específicas que permitem defini-la como ciência e não como técnica ou ideologia. No que concerne ao externalismo – e ainda a definição é de Canguilhem – trata-se de uma forma de escrever a história das ciências condicionando um certo número de acontecimentos (...) às suas relações com interesses econômicos e sociais, com exigências práticas e técnicas, com ideologias políticas e religiosas (Penna, 1991, p. 26).

Ressaltamos que isso não implica em um “internalismo” ou “externalismo” científico total. Ainda que uma ciência tenha tido um desenvolvimento singular, suas ideias nascem no contexto intelectual de uma época (*Zeitgeist*), que possibilita e conduz seus frutos (Penna, 2000).

Estas elucidações nos levam a traçar alguns procedimentos metodológicos específicos para uma pesquisa que intenciona adotar o método histórico-crítico, inspirado no uso que Piaget (1980) deu a ele com a finalidade de tratar questões epistemológicas que concernem ao interior de alguma teoria e/ou sistema em Psicologia.

São estas as premissas fundamentais para adentrar os procedimentos do método de investigação epistemológica, entendido como “histórico-crítico”: (1) conhecer profundamente e internamente uma ciência quanto: à história do seu criador, seu objeto de estudo, seu método e suas teorias e práticas, bem como recortar hipoteticamente qual seria o seu *fieri* condutor, ou um deles; (2) discutir e apontar os problemas e as limitações dessa ciência com base em seu próprio terreno; (3) pelo *fieri*, estabelecer uma lógica formal de análise dentro da própria ciência respeitando a história do seu criador e do seu contexto histórico; e (4) verificar o que o criador da ciência analisada assimilou e elaborou das ideias que lhe permeavam.

De fato, para Piaget e Garcia (1987), o conhecimento científico não toma elementos externos sem antes remontar aos seus elementos internos. A referência ao desenvolvimento do conhecimento científico compreende, pois, tanto o seu caráter interno, quanto o externo.

A noção piagetiana de autorregulação, elemento interno a teoria da Psicologia Genética (Piaget, 1967/2003), por exemplo, não acontece por um mero acaso e só é possível em um contexto funcionalista que reclama soluções a complexa relação entre Psicologia e Biologia. Piaget, no entanto, não repete as proposições funcionalistas de autorregulação, mas desenvolve um funcionalismo próprio que analisa as formas de desenvolvimento das estruturas cognitivas superiores – objeto do interesse desse autor – com base em uma teoria dos estágios (Figueiredo, 2002).

Torna-se importante o entendimento de que todo conhecimento não se desenvolve por si só, ou seja, há um contexto que o engendra em suas possibilidades de formulação e significação. No entanto, a assimilação desse contexto ocorre mediante a um interesse específico e próprio que não replica o que é assimilado, mas o elabora em novas formulações que podem modificar o contexto científico.



Um exemplo da aplicação do método histórico-crítico

Como exemplo de uma pesquisa inspirada pelo uso que Piaget deu ao método histórico-crítico, citamos a dissertação de mestrado intitulada *A noção de organismo no *fieri* teórico de Carl Rogers: uma investigação epistemológica* (Castelo Branco, 2010, 2011), realizada na Universidade Federal do Ceará e vinculada ao Círculo de Pesquisas em Lógica e Epistemologia das Psicologias.

Nessa pesquisa Castelo Branco (2010) identificou que a Psicologia Humanista herdou um referencial organísmico oriundo do Funcionalismo norte-americano, havendo um monismo teórico que centraliza a noção de organismo como o fundamento de entendimento para os fenômenos biológicos, psicológicos e sociais, em diversas abordagens humanistas.

Considerando Rogers como um legítimo representante da mencionada Psicologia, realizou-se, com base nos períodos de produção e locais de trabalho do psicólogo, uma divisão das fases do seu pensamento, que englobaram: o aconselhamento não-diretivo (1928-1945), a terapia centrada no cliente (1945-1964), a transição entre a terapia centrada no cliente e a abordagem centrada na pessoa (1964-1977) e a abordagem centrada na pessoa (1977-1987). Essa organização foi imprescindível para compreender a vida e obra de Rogers e só foi possível mediante a um conhecimento prévio de sua história (Castelo Branco, 2010).

Observou-se que a preocupação de Rogers situa-se em torno da elaboração de uma proposta terapêutica compreensiva da pessoa. Assim, ponderou-se que uma investigação epistemológica sobre a noção de organismo é importante para pensar como Rogers: respondeu às exigências de pesquisas e inovações em Psicologia clínica, num EUA pós-guerra; desenvolveu um referencial teórico e prático de psicoterapia para a Psicologia; e, para isto, se inseriu em um modelo de ciência norte-americano (Castelo Branco, 2010). Definiu-se, então, a noção de organismo como o *fieri* de Rogers.

Embasado nisso, determinou-se a seguinte lógica de análise para pesquisar o desenvolvimento da mencionada noção, em relação ao contexto histórico de cada fase do pensamento de Rogers (Castelo Branco, 2010):

(a) Coletaram-se, em ordem cronológica de publicação, todas as obras escritas de Rogers, incluindo os textos não publicados no Brasil. Todos os escritos foram enquadrados nas fases demarcadas. Foi realizada uma revisão bibliográfica de modo a identificar como a noção de organismo perpassou por todas as fases referidas e foi fundamentada.

Verificou-se que a citada noção está presente em todos os fundamentos teóricos de Rogers, apesar de ela ser pouco aprofundada por ele e por seus estudiosos – o que constitui uma lacuna problemática à abordagem rogeriana.

(b) Em cada uma das fases aludidas, mapearam-se quais pensadores Rogers reconheceu como influentes a sua concepção organísmica. No aconselhamento não-diretivo (1928-1945) Rogers reconheceu influências do Funcionalismo de John Dewey e Leta Stetter Hollingworth, e da



Psicanálise pós-freudiana de Otto Rank e Karen Horney. Na terapia centrada no cliente (1945-1963) Rogers assumiu influências das ideias clínicas de Rank, Horney e Harry Sullivan, da Psicologia aplicada que se desenvolveu nos EUA, do cientificismo norte-americano, da Psicologia da *Gestalt* e Kurt Lewin, da filosofia educacional, social e política norte-americana e do personalismo estadunidense. Na transição entre terapia centrada no cliente e abordagem centrada na pessoa (1963-1977) Rogers admitiu como influências: sua atuação no campo educacional e de facilitação de grupos, sua imersão em debates e reflexões sobre alternativas as ciências do comportamento, o conceito de “experienciação” de Eugene Gendlin e os estudos de Andras Angyal, Abraham Maslow e Kurt Goldstein sobre tendência à realização e organismo. Por fim, na abordagem centrada na pessoa (1977-1987) Rogers continuou apontando os estudos de Angyal, Maslow e Goldstein e acrescentou as influências de Lancelot Whyte e Albert Szent-Gyorgy, além do paradigma sistêmico e holístico de ciência encabeçado por Fritjof Capra, Illya Prigogine e Magorah Maruyama.

(c) Após essa sistematização, foram coletadas e consultadas as obras dos autores referenciados por Rogers, com o objetivo específico de apreender suas concepções organísmicas. Esses dados foram coletados por meio de consultas bibliográficas diretas e, na impossibilidade disto, realizaram-se consultas bibliográficas indiretas, através de comentadores especializados.

(d) Retornou-se a Rogers e analisou-se o que ele assimilou e elaborou dessas ideias, de modo a refletir sobre quais acréscimos teóricos possibilitaram o desenvolvimento de sua posição organísmica.

Um exemplo específico dessa lógica pode ser observado na seguinte análise (Castelo Branco, 2010):

(a) Na fase de terapia centrada no cliente, Rogers parecia a noção de organismo com a de eu (*self*). Segundo ele, o organismo se autorregula em função de um eu real ou eu ideal.

(b) Nas obras representativas dessa fase, Rogers explana que os fundamentos de sua psicoterapia, embora diferentes, muito deviam ao pensamento psicanalítico norte-americano, em especial a Karen Horney.

(c) Verificaram-se quais obras de Horney foram referenciadas por Rogers. Por exemplo, na obra *Neurose e desenvolvimento humano* procurou-se o que a autora abordou sobre a relação entre organismo e eu (*self*), e constatou-se que as noções de eu real e ideal estão presentes em seu pensamento e antecedem a formulação rogeriana.

(d) Retorna-se a Rogers de modo a verificar o que ele assimilou e elaborou de Horney. No caso, ressalta-se que Rogers assimilou a perspectiva de Horney, entretanto elaborando-a numa pesquisa empírica, que faz uma leitura do funcionamento do eu em real ou ideal com suporte nas autorregulações do organismo, aspecto este não abordado pela psicanalista. Ora, nas décadas de 1930 a 1950 as concepções clínicas de Horney tinham grande circulação em Nova Iorque e Chicago. Nesse ínterim Rogers se aproximou delas incluindo-as em sua teoria



da personalidade e do comportamento. Ao pesquisar isso na Universidade de Chicago, um dos berços do Funcionalismo – portanto não por acaso a noção de autorregulação –, Rogers demonstrou que a atuação do psicólogo em nível de psicoterapia consistiria em intervenções que objetivam a mudança de personalidade.

Os procedimentos “a” e “b” serviram de base para os “c” e “d”, que representaram o grande escopo de resultados e discussões da pesquisa. Essa lógica formal de análise, inspirada nas premissas do uso método histórico-crítico, retrçou e recriou as linhas epistemológicas gerais da noção de organismo na teoria de Rogers, trazendo à tona diversas elucidações e discussões sobre o desenvolvimento de sua ciência em suas condições constitutivas (Castelo Branco, 2010, 2011).

Considerações finais

Piaget e Garcia (1987) ponderam que

O problema crucial (...) no terreno histórico-crítico é o de estabelecer o que é que se produz quando uma teoria substitui uma outra ou, mais precisamente, quando um sistema de noções e de procedimentos dedutivos ou experimentais é substituído por outro (p. 100).

Por esta via, o método histórico-crítico é útil para: pesquisarmos como um conhecimento substitui outro; examinarmos as conexões entre um conhecimento e outro; e verificarmos se esse conhecimento integra estruturas precedentes, evolui e constitui algo de novo para a ciência, ou é uma repetição ou algo fortuito. Para não se perder em generalizações epistemológicas, torna-se imprescindível que o método se inicie pela delimitação de um *feri* e cumpra com as premissas apresentadas.

Todavia, apontamos que o uso do método fica restrito caso o pesquisador não tenha um conhecimento apropriado da ciência que ele visa investigar, bem como a aplicação do método fica limitada se não for possível adquirir fontes de consulta confiáveis. Por se tratar de um método epistemológico, pode ocorrer que muitas dessas fontes sejam antigas e talvez não mais publicadas ou disponíveis na língua vernácula do pesquisador. Todas essas questões devem ser levadas em consideração para se seguir a lógica de aplicação do método histórico-crítico, inspirado no uso que Piaget (1980) deu a este.

Para finalizar, cabe ressaltar que Piaget (1980), apresentou outras possibilidades metodológicas em epistemologia, como os métodos: de análise direta, de análise formalizante, do positivismo lógico e genético. Apontamos, portanto, a necessidade da Psicologia desenvolver mais planos metodológicos que aprofundem essa perspectiva de pesquisa.



Referências

- Ales Bello, A. (2006). Fenomenologia e ciências humanas: implicações éticas. *Memorandum*, 11, 28-34. Recuperado em 10 de janeiro, 2011, de <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a11/alesbello04.pdf>
- Castelo Branco, P. C. (2010). *A noção de organismo no fieri teórico de Carl Rogers: uma investigação epistemológica*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.
- Castelo Branco, P. C. (2011). A noção de organismo no fieri teórico de Carl Rogers: uma investigação epistemológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17(1), 104-105. Recuperado em 22 de maio, 2012, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Figueiredo, L. (2002). *Matrizes do pensamento psicológico* (9a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Freud, S. (1996). *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (J. Salomão, Trad.). (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- Guillaume, P. (2009). La psychologie de la forme (A. Holanda, Trad.). *Revista da Abordagem Gestáltica*, 15(1), 65-68. (Original publicado em 1937).
- Heidegger, M. (2009). *Seminários de Zollikon* (G. Arnhold. & M. Prado, Trans.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1987).
- Husserl, E. (2008). *A crise da humanidade europeia e a filosofia* (U. Zilles, Trad.). Porto Alegre: Edipucrs. (Original publicado em 1936).
- Jaspers, K. (2005). A abordagem fenomenológica em psicopatologia (A. Rodrigues, Trad.). *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 8(4), 769-787. (Original publicado em 1912).
- Lima, T. & Mioto, R. (2007). Procedimentos metodológicos na contribuição do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Katálisis (Florianópolis)*, 10(esp), 37-45. Recuperado em 05 de maio, 2011, de <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>
- Penna, A. (1991). *História das idéias psicológicas*. Rio de Janeiro: Imago.
- Penna, A. (2000). *Introdução à epistemologia*. Rio de Janeiro: Imago.
- Penna, A. (2001). *Introdução à psicologia genética de Piaget*. Rio de Janeiro: Imago.
- Piaget, J. (1978). *Psicologia e epistemologia* (A. Cretella, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária LTDA. (Original publicado em 1957).



- Piaget, J. (1980). *Lógica e conhecimento científico* (S. Dias. & F. Araújo, Trans.). Porto: Livraria Civilização. (Original publicado em 1967).
- Piaget, J. & Garcia, R. (1987). *Psicogênese e história das ciências* (M. Jesuíno, Trad.). Lisboa: Publicações Dom Quixote. (Original publicado em 1983).
- Piaget, J. (2003). *Biologia e conhecimento: ensaios sobre as relações entre regulações orgânicas e os processos cognoscitivos* (F. Guimarães, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1967).
- Piaget, J. & Garcia, R. (2011). *Psicogênese e história das ciências* (G. Untti, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1983).
- Vigotski, L. (2004). *Teoria e método em psicologia* (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1982).

Nota sobre os autores

Paulo Coelho Castelo Branco. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Endereço: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, Avenida Antônio Carlos, 6627, Pampulha, 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: paulocbbranco@gmail.com

Ricardo Lincoln Laranjeira Barrocas. Doutor em Psicologia pela *Université Paris XIII*. Professor Associado II do Departamento de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço: Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Psicologia, Avenida da Universidade, 2762, Benfica, 60020-180, Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: rbarrocas@uol.com.br

Data de recebimento: 16/06/2011

Data de aceite: 20/05/2012